

CRÓNICAS DE PAZ E DE GUERRA

de

Joaquim Costa

Apresentação

Antes de me pronunciar sobre o lançamento do presente livro de Joaquim Costa, faço questão de apresentar os meus cordiais cumprimentos a tão distinta e solidária plateia.

No dia 19 do passado mês de setembro, uma quinta-feira, ao início da tarde, estava eu entregue aos meus afazeres, quando tocou o telemóvel. Olho para o respetivo ecrã e vejo “Joaquim da Silva Costa”. A primeira coisa que me ocorreu – e acreditem, porque é verdade – foi “o Costa vai publicar um livro”. Atendi e, depois da costumada troca de palavras de cortesia, lá me disse: “Manuel Maria” – abro aqui um parêntesis para informar que o Costa é das raras pessoas amigas que me tratam pelo nome completo – Retomando: “Manuel Maria, vou publicar outro livro.” Confirmado o meu pressentimento, com um sorriso que ele não podia ver, enderecei-lhe, de imediato, os meus parabéns, que, como pessoa educada, agradeceu e, sem demora: “Manuel Maria, gostava muito que fosses tu a apresentar o meu livro.”

Não tinha como dizer que não a uma pessoa que, desde que a conheci, aprendi a respeitar e a estimar, e a quem hoje considero um amigo.

Aproveito a oportunidade para lhe agradecer, publicamente, o seu convite, que considero, acima de tudo, uma profunda honra e um inestimável privilégio, apesar da enormíssima responsabilidade. É, pois, com imenso júbilo que partilho, a seu lado, esta distinta mesa.

Concluídas as considerações introdutórias, passemos então ao que nos traz aqui, que é o lançamento público de CRÓNICAS DE PAZ E DE GUERRA.

Diz o autor, em NOTA INICIAL, que este livro *“Não é mais do que a compilação de um conjunto de crónicas – termo utilizado no próprio título – publicadas no Blogue de Luís Graça & Camaradas da Guiné”* e na sua conta do Facebook.

No *Dicionário de Literatura*, 3.^a edição, publicada pela *Figueirinhas*, diz-nos Joaquim do Prado Coelho, então membro insigne da Academia das Ciências e Professor da Faculdade de Letras de Lisboa, acerca da Crónica: *“Apenas se lhe pede que seja oportuna, aguda sem ser profunda, pessoal sem excesso de subjetivismo, e sobretudo inteligível. Daqui resulta uma efemeridade que reflete aspetos certamente superficiais da vida social, mas através deles oferece uma visão multímoda e cintilante das épocas que decorrem.”*

Todos estes pressupostos, e sem que seja requerida especial atenção, podemos encontrar em CRÓNICAS DE PAZ E DE GUERRA, com uma diferença: é que muitos dos aspetos da vida social aqui refletidos ultrapassam muito a mencionada superficialidade, para além de que, sendo efémeros, renascem na obra sob a forma de memória.

Talvez por isso – sem a presunção aludida, mas, conforme o conheço, com genuína humildade e inequívoco propósito –, nos diz o autor: *“Reduzido à sua dimensão, pedindo desculpa aos leitores pela presunção, nestas 221 páginas se conta a história de Portugal dos últimos 70 anos.”*

Se ainda subsistissem dúvidas, na mesma NOTA INICIAL, reitera que *“Tem, sim, a pretensão de ser um auxiliar de memória coletiva para que se não percam nas brumas do tempo.”*

Na compilação das ditas crónicas em formato de livro, optou o autor por uma estrutura temática tetrapartida: Infância, A Tropa, A Guerra e, finalmente, As minhas Escolas.

Talvez pudesse fazê-lo utilizando uma estrutura tripartida, reunindo os temas II e III num único, sob o título genérico de “Vida Militar”, embora os pudesse subdividir depois. Mas compreendo, perfeitamente, a sua opção, uma vez que também participei na guerra colonial, embora noutra colónia, e sei bem quão

diferente foi a vida militar antes da partida e durante a fatídica guerra. Mais do que profunda convicção, tenho a certeza de que a guerra do tema III marcou, indelevelmente, quem nela participou, o que justifica, plenamente, a opção tomada pelo nosso autor.

Abre o capítulo da Infância com duas quadras, em cuja primeira podemos ler:

*Foi num Abril cristalino,
Num dia de muito terço,
Vai-se a avó, veio o menino,
Granito foi o seu berço.*

Granito foi o seu berço. O granito, artisticamente burilado por seu pai, é o elemento que bem pode simbolizar a essência que formatou o nosso autor e a solidez com que nele se alicerçaram valores, enraizados já nos seus progenitores, como os do trabalho, da partilha, da honestidade, da lealdade, da honra e, como veremos com particular incidência no espaço dedicado à guerra colonial, o da solidariedade. Atrevo-me a dizer “de profunda e desinteressada solidariedade”.

Neste capítulo da Infância, assistimos ao desfilar de crónicas, que se desfilam como contas de um rosário, que nos permitem tomar contacto com a realidade cultural da província, nas suas mais diversas valências de crenças, valores e costumes, antes do 25 de Abril de 1974.

Sendo eu filho de pais nascidos e criados no Douro, margem esquerda e margem direita, foi com imensa curiosidade, talvez menos surpresa, que pude constatar uma enorme semelhança entre a realidade do Minho, de que fala o presente livro, e a do Douro, onde passei todas as minhas “férias grandes”: a rega do milho; a espiga apanhada ainda verde para assar na lareira da cozinha; os primeiros cigarros feitos com a barba do milho depois de já seca; as desfolhadas ao som das concertinas, gaitas de beiços, bombos e ferrinhos; a espiga de milho-rei, que requeria um beijinho da moça a quem fosse oferecida; a seca e a malha do milho na eira; a ida ao moleiro; o dia de cozer broa para

uma semana; o tapar a boca do forno e cobrir bem as frinchas com bosta de boi... ou de vaca; as sopas de cavalo cansado no final; os preparativos e os rituais do Natal; a ida para a escola de sacola a tiracolo e as socas ou chancas enfiadas nos pés.

E não se pense que tal apenas se passava na província. O padrinho e tio da minha mulher, já falecido, também frequentou a Escola Industrial Infante D. Henrique, tal como aqui o nosso autor. Certo dia, ao entrar na sala de aula com umas chancas, que era o calçado que os pais lhe podiam comprar naquela época, ouvindo pancadas, ao ritmo da passada, de madeira contra madeira, a das chancas e a do soalho, o professor perguntou *“quem era o burro que tanto barulho fazia com os cascos”*. A tal pergunta, respondeu o aluno com outra pergunta: *“e quem é o asno que acabou de zurrar?”*

Mas voltemos ao nosso livro de crónicas e ao capítulo da Infância. Na primeira, que relata a viagem efetuada por si e por seu pai a Ermidas do Sado, no Alentejo, onde fora colocado o seu irmão Manuel ao serviço da CP, dá-nos logo conta do tradicional cardápio que compunha uma cesta à moda do Minho, se, de facto, reclamava para si, o título de genuíno merendeiro de viagem: arroz de frango, bolinhos de bacalhau, presunto, salpicão, uma broa de milho... Mas, para ser genuíno, genuíno, não haveria de faltar o verde tinto em dois garrações de palhinha!... – Faz sentido referir a palhinha, porque, hoje em dia, quase já só vemos revestimento de plástico. – Mas sosseguem os presentes, porque não eram ambos os garrações para a viagem. Um, de cinco litros, seria para o Manuel e o outro, de apenas dois, é que deveria ser a candeia que alumiaría a jornada dos dois passageiros. Alumiaría, disse bem e o modo condicional não foi selecionado ao acaso. É que, apesar de ter selo de garantia de “grande pomada”, mal o haveriam de provar...

Ainda a propósito de comer e de beber, talvez valha a pena lembrar o tempo em que se levantava às cinco da manhã para apanhar o comboio para a cidade do Porto, onde estudava.

Para aliviar a canseira da mãe que, àquela hora, já tinha pronto o pequeno-almoço do filho, disse-lhe que passaria ele a fazê-lo. E que pequeno-almoço: bolachas Maria e vinho fino! De tal modo ficava saciado com o último, que o pai, a dada altura, lhe comunicou que iria alugar-lhe uma casa no Porto, porque lhe ficaria mais barato do que o seu mata-bicho diário...

Como acabámos de ver, uma das delícias destas CRÓNICAS DE PAZ E DE GUERRA é o fino humor com que o autor nos brinda. Confesso que me ri a bom rir com algumas das peripécias aqui narradas. Vejamos, a título de exemplo, apenas mais uma:

“Era normal, nestes casos - negócio de compra de vinho a particular -, chegados à adega, provar-se o vinho tirado do batoque (um pequeno furo na parte superior da pipa tapado com um pequeno pau pontiagudo) - um espicho, como lhe chamam no Douro -, com um pouco de lastro de pão e presunto. Mas aqui, na casa deste somítico lavrador, apenas colocou na mesa uma única malga de vinho. E de lastro nada, não obstante os presuntos dependurados.

O Manel provou e passou ao tio Hilário que, franzindo o cenho, exclamou: Sem presunto, o vinho parece aguarrás!, não deixando, contudo, de olhar ostensivamente para os presuntos dependurados por cima da sua cabeça.

O homem não se intimidou, afirmando: “Eu dava-lhes um pouco de presunto, mas infelizmente hoje não tenho pão”. Resposta pronta do tio Hilário:

- Sr. António, já comemos tantas vezes pão sem presunto que podemos muito bem, por uma só vez, comer presunto sem pão!

O homem fez ouvidos de mercador, procurando encerrar o assunto e passar ao negócio.

Mas, como dizia o Avelino quando os irmãos lhe queriam passar a perna: és fino, mas eu sou “finúria”!

O homem “armou-se” em “fino”, mas o Manel, tal como dizia o Avelino, foi “finúria”, e logo sacou de um naco de broa de milho que o tio Hilário sempre levava nas suas caminhadas, desarmando completamente o homem. Comeu-se presunto..., mas não se fez negócio...”

Confessa o nosso autor que a sua vida na cidade que ele acabaria por adotar não terá sido fácil de início, ao ponto de equacionar a desistência dos estudos, valendo-lhe, na altura, a clarividência do Joaquim, namorado da sua irmã mais velha, e o facto de ter como professor um Senhor chamado Pedro Homem de Melo, de que alguns ainda se lembrarão por ter tido um magnífico programa sobre Folclore na RTP, então canal único de televisão e a preto e branco.

Por falar em televisão, também recorda o tempo em que pedia ao seu pai dois tostões para ir ver, numa mercearia e taberna - a sala de espetáculos do sítio -, as aventuras de "Rin Tin Tin", do Joselito e, em particular, do Bonanza. Exatamente como acontecia comigo e com um irmão meu, que íamos, para ver as mesmas aventuras, à Escola Dramática de Contumil, uma vez que, naquela época, um televisor era um artigo de luxo, absolutamente inacessível à parca carteira das famílias mais humildes.

Muito fica por dizer sobre este período da sua infância, da sua adolescência e da sua juventude, mas é chegado o momento de abordarmos o período da vida militar, coisa que, para mim, não é particularmente agradável.

Sobre o período que antecede a partida para a guerra, destacarei o facto de que, naquele tempo - e lembro que ainda não havia chegado o 25 de Abril -, os militares, mesmo os candidatos a graduados, quer na recruta quer na especialidade, eram humilhados sem dó nem piedade, chegando-se ao extremo de alguém, na chegada do correio, invadir a vida íntima e privada, lendo, publicamente, a carta que alguma namorada enviara ao seu amado; ou então, quando algum, porque melómano e mais familiarizado com os sons melodiosos das notas musicais, terrificado com o estrépito ensurdecidor da artilharia, que mais parecia a destruição da ilha de Tavira, tenta fugir sem saber para onde, e o oficial da carreira de tiro, provavelmente da Academia Militar, o obriga a deitar-se imediatamente, dizendo-lhe que se se levantar o mata, ao mesmo tempo que disparava por cima dele uma metralhadora Breda!

No que concerne à guerra colonial, é, para mim, uma abordagem dolorosa, porque acompanhar o furriel Pequenina nesta sua épica jornada na Guiné foi lançar-me num cenário em tudo muito idêntico ao que vivi em Moçambique: minas, emboscadas, flagelações e golpes de mão, com mortos e feridos, ligeiros ou estropiados.

Embarcámos ambos no terminal militar de Figo Maduro com um intervalo de apenas quatro semanas: ele a 27 de outubro de 1972, uma sexta-feira, e eu a 23 de novembro do mesmo ano, uma quinta-feira, dia de aniversário do meu irmão atrás mencionado.

Sobre o dia 27 de outubro, diz-nos em tom confessional: *“Por estranho que pareça, tenho muito pouca memória do dia do embarque.”* Não é confidência que me espante, pois acredito, piamente, que a nossa memória é seletiva e, em determinadas circunstâncias, age em autodefesa.

Mas daquilo de que não se poderia esquecer é do dia em que teve o seu “batismo de fogo”:

“A minha ajuda na defesa do destacamento neste ataque, de má vizinhança, foi nula já que a minha G3 encravou ao primeiro tiro.”

À distância no tempo, de um humanismo como todos o conhecemos, assaltam-lhe momentos de reflexão como a confidência que nos deixa:

“Agora que estou a ficar velho, mais dado à contemplação, muitas vezes me questiono: será que em algum momento nos diferentes contactos com o IN atingi mortalmente alguém? Estes pensamentos, que nunca me ocorreram antes, são recorrentes nestes dias de desocupação, perturbando o meu sono que sempre foi o de um homem justo e de bem com o mundo (passe a presunção).

Hoje, recordo este incidente com algum alívio, dizendo: tendo em conta o desfecho do ataque (quatro feridos ligeiros... e seis desalojados!), ainda bem que a G3 encravou!”

Pese embora estarmos a fazer a apresentação das suas CRÓNICAS DE PAZ E DE GUERRA, peço ao Costa que me perdoe por utilizar este espaço com um episódio que não faz parte do presente livro, mas que nos mostra, creio que convenientemente, que momentos de dúvida e de angústia como a que lhe ocorre na sua reflexão é bem capaz de ser mais universal do que aquilo que possa pensar:

“Continuaram a sua caminhada e, quando atravessavam uma zona de imensa vegetação, os homens da frente pararam e fizeram sinal para que se baixassem.

- Vêm aí turras! - disseram baixo.

Eram seis guerrilheiros, fardados de camuflado e descalços, com espingardas Kalashnikov e um morteiro 60, que caminhavam num trilho que cruzava com a sua trajetória num ângulo de quarenta e cinco graus.

- Ninguém dá um tiro sem minha autorização! - avisou o alferes.

Os guerrilheiros caíram na zona de morte e dela saíram sem que fosse feito um disparo. Os soldados, de armas apontadas, olhavam, atónitos, para a atitude do seu comandante e este apenas fazia sinal para que se mantivessem agachados e em silêncio. Tê-los alvejado pelas costas sem que de nada se tivessem apercebido teria sido a coisa mais simples, mas não foi capaz de o fazer. Até ao momento, ainda não passara por qualquer situação de confronto extremo, daquelas em que, por instinto de vingança do companheiro que cai, desperta a besta mais selvagem que parece adormecida no homem, ávida de chafurdar todo o ódio no sangue ainda quente da sua vítima. Além disso, tinha consciência de que as suas vidas, naquele instante, não corriam qualquer perigo. Em absoluto, e ainda que sob a capa da guerra, não foi capaz de matar gratuitamente, o que lhe valeu a incompreensão dos subordinados:

- Porra, alferes! Tão cedo, não temos uma oportunidade como esta! - desabafou, irado, um soldado - Limpar seis turras à queima-roupa e apanhar as armas todas!

- No quartel, podemos falar do assunto, mas, agora, o que eu quero é levar-vos, a todos, direitinhos no fim da operação e, para já, ainda temos de aguentar mais três dias.

- Não sei como... Quem poupa o seu inimigo às mãos lhe morre!

- Pode ser que, desta vez, a voz do povo se engane...

Depois de ter dado o tempo suficiente para que os guerrilheiros se afastassem, reiniciaram a marcha, até que, a dado momento, começaram a avistar as primeiras elevações da serra do Comboio."

Tenho a certeza de que a decisão deste alferes não teria sido a mesma, se tudo se tivesse passado depois de um seu soldado ter perdido uma das pernas numa mina antipessoal.

Num dos últimos encontros, um deles desabafou que continua com acompanhamento psiquiátrico e que ninguém o atura se deixar de tomar a medicação.

Peço que me desculpes, Costa, mas não quero citar mais momentos da tua guerra, porque os mesmos são de uma violência física e psicológica atroz, como poderão constatar os que se entregarem à leitura deste teu livro. Apenas reiterar a tua faceta, atrás referida, de uma solidariedade extrema e absolutamente desinteressada. Pelo teu generoso exemplo, testemunho aqui a minha genuína gratidão.

Em relação às suas escolas, não me vou demorar, porque isto já está a ficar demasiado longo e, não tarda nada, estão a pedir-nos que terminemos. Mas faço questão de alertar para o facto de tal capítulo apresentar, tal como sucede no da Infância, peripécias delirantes, que acabam por atenuar o estado psicológico resultante da leitura sobre o período da guerra colonial.

Relevo, no entanto, o entusiasmo, a ternura e a paixão com que fala da de Portalegre, onde conheceu a colega com que viria a casar, a Isabel, que nos deixou muito recentemente, mas que permanecerá viva, enquanto tivermos memória.

Porque também eu estive na sua última escola, sendo que, quando lá cheguei, já ele lá se encontrava, faço questão de dizer que, no momento da minha aposentação, o Joaquim da Silva Costa, então Diretor da Escola Secundária de Gondomar, me honrou com a sua presença na minha última aula, então proferida no auditório da escola. Jamais o esquecerei.

Para finalizar, não resisto à tentação de dar conta do facto de o nosso autor, a propósito de um episódio de columbofilia em que o protagonista é o seu “mano velho”, evocar determinadas peripécias à volta do relato dum certo jogo de futebol, disputado no Campo das Covas, em Torres Vedras, no dia 22 de março de 1959, em que o Futebol Clube do Porto, vencendo o Torriense por três golos, acabaria por se sagrar campeão nacional, apesar de ter de esperar que o árbitro Inocêncio Calabote desse por terminado o jogo em que o clube do regime de então venceu a CUF do Barreiro por 7 - 1, com três penáltis a seu favor!

Posto isto, já só me resta testemunhar que estamos diante de um livro cuja escrita escorreita, divertida quanto baste, até mesmo quando aborda alguns momentos da guerra colonial, respeitando os cânones da crónica, tal como postulado por Jacinto do Prado Coelho, tem o condão de nos seduzir e de nos cativar do início ao fim, tornando-nos, como leitores, elementos participativos de uma memória que o autor deseja ver preservada.

Sem qualquer parcimónia, está, pois, de parabéns o Joaquim Costa, que, certamente não por acaso, ultimamente se tornou nosso companheiro de escrita em antologias da editora que agora dá à estampa este seu livro.

Uma palavra de congratulação à editora Lugar da Palavra, na pessoa do seu responsável, João Carlos Brito, por possibilitar que a “história de Portugal dos últimos 70 anos” pudesse também ser contada nestas eloquentes 221 páginas.

Profundamente grato pela vossa muito generosa atenção.

Biblioteca Municipal de Gondomar, 9 de novembro de 2024